Manuel Antônio de Almeida

QUANDO teria nascido Manuel Antônio de Almeida?
À primeira vista, a indagação parece uma pilhéria e, quase, uma impertinência.

Veremos que não é nem uma nem outra coisa. È, simplesmente, uma dúvida, talvez uma teimosia...

Como é do domínio de todos, Sacramento Blake informa que foi em 1830. Macedo, Rio Branco, Ronald de Carvalho inscrevem o acontecimento em 1832, data consignada, igualmente, na edição das *Memórias de um sargento de milícias*, publicada em 1925, pela Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, de São Paulo. Outros: Veiga Cabral, Marques Cruz, Xavier Marques, Afrânio Peixoto... os contestam, pleiteando pelo ano de 1831. “E com êstes últimos está a razão...”, afirma, por seu turno, Luis Felipe Vieira Souto, reportando-se, em conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1931, ao assentamento arquivado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O documento, peça probante indiscutível, que êsse ilustrado confrade manuseou, merece fé por muitos motivos, inclusive por estar assinado, do próprio punho, por Manuel Antônio de Almeida.

Revelada, assim, a existência de uma prova dessa natureza, tudo indicava que o debate em torno da questão não devia prosseguir, encerrando-se incontinentemente, tanto é certo que, acima de quaisquer conjecturas, deve prevalecer, afinal, pela melhor das razões, e em última estância, a declaração que o interessado não teve escrúpulos em aceitá-la, autenticando-a.

Foi justamente o que não se deu. A dúvida ainda permanece, e subsiste, além do mais, em documento oficial, e não só isso, aceita pela própria Academia Brasileira de Letras.

Quem perlustrar o *Catálogo da Exposição* do centenário de Machado de Assis, publicado pelo Ministério da Educação e Saúde, em 1939, oito anos precisamente após a comprovação feita por Vieira Souto, aí lerá o seguinte: "Manuel Antônio de Almeida, filho de Manuel de Almeida e dona Josefina de Almeida, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 17 de novembro de 1830..." Mais recentemente ainda, um ilustre acadêmico, o Sr. Gustavo Barroso, em sessão da Academia, aludiu, também, ao ano de 1830.

È, como se vê, a repetição do mesmo engano de data, ocorrido até pouco tempo com Casimiro de Abreu, e o mesmo equívoco, em relação ao local de nascimento de França Júnior, incluído entre baianos, quando, realmente, o seu berço foi a cidade do Rio de Janeiro.

Não se incrimine a ninguém, apesar disso, porque ainda hoje, quem compulsar a *Histoire de la Littérature Française*, de Audic, Abry e Crouzet, lá encontrará, no capítulo consagrado ao pai de *Gargantua*: "La vie de François Rabelais est encore assez mal connue. On sait qu'il naquit en Touraine, à Chinon, mais la date de 1490, n'est qu'approximative..." Aliás, a citação não comparece, aqui, por acaso, mas intencionalmente... Entre Rabelais e Maneco Almeida (*excusez du peu!*) coexistem afinidades que não seriam para desdenhar. Ambos foram médicos, cultivaram ambos o gênero cômico, e, por motivos embora diferentes, se ocultaram em pseudônimos.

Em se tratando do mais difícil dos gêneros literários, ninguém discutirá que o nosso Rabelais não haja aparecido na segunda metade do século 19, um pouco tardiamente, é certo, em relação à França, e certamente em edição muito mais modesta, mas ainda assim podendo, se o desejasse, epigrafar as *Memórias de um sargento de milícias*, à maneira do seu avô gaulês:

*Mieux est de ris que de larmes écrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme
Vivez joyeux.*

Ele não viveu alegremente...

A verdade pura e simples é que, na história das letras nacionais, o nome de Manuel Antônio de Almeida deveria permanecer, por longo prazo, esquecido e desinteressado. Assim acontece àqueles que se antecipam à sua época.

Alguna, muito poucos, do seu círculo literário, o amaram, reconheceram-lhe e apregoaram os méritos, as virtudes pessoais, os talentos e, mais do que isso, a honorabilidade dos propósitos. Depressa, porém, tudo isso se desvaneceu. *Vita brevis* ... A dele foi abreviadíssima, e nem um só dos seus contemporâneos poderia imaginar, sequer, a consagração póstuma que iria arancá-lo do olvido dos homens e das ondas, cerca de trinta e cinco anos decorridos do seu desaparecimento trágico, nas águas atlânticas!

Tendo vivido na plenitude do romantismo, o “glorioso período histórico”, quando Magalhães, Porto Alegre, Macedo, Otaviano, Alencar, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu ... constituíam a rútila constelação das belas-lettras em nosso país, o estro de Manuel Antônio de Almeida derivou, como é de presumir-se, quase despercebido, sendo arrolado, afinal, entre os literatos de some-nos expressão, um simples comparsa do festivo banquete das Musas, no alvorecer da segunda metade do século em que nascera.

A organização, todavia, da Academia Brasileira, em 1896, para a qual concorriam vários fatores, dentre os quais devem ser lembradas as reuniões do Clube Rabelais e da Panelinha, o novo surto da *Revista Brasileira*, sob José Veríssimo e, mais do que tudo, o idealismo perseverante e inestimável de Lúcio de Mendonça, tudo isso propiciaria a ressurreição do nome de Manuel Antônio de Almeida, escolhido por Inglês de Sousa para patrocinar a poltrona número 28 da jovem agremiação literária. Data de então o aurorecer da glória de Manuel Antônio de Almeida.

Seria injustiça, entretanto, não aludir, igualmente, aos trabalhos preliminares, no mesmo sentido, a que a memória e os merecimentos do romancista ficariam devendo à clarividência e à amizade de Quintino Bocaiuva, mandando reimprimir a primeira parte da obra do seu extinto amigo, no 9º volume da Biblioteca Brasileira, em fevereiro de 1863, empreendimento que Machado de Assis assinalou no *O Futuro*, por este comentário textual, que vale por uma consagração: “Contém este volume a primeira parte do romance de meu finado amigo Dr. Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*. A obra é bem conhecida, e aquela vigorosa inteligência, que a morte arrebatou dentre nós, bastante apreciada, para ocupar-me neste momento com essas páginas tão graciosamente escritas. Enquanto se não reúnem em volume os escritos dispersos de Manuel Almeida, entendeu Quintino Bocaiuva dever fazer uma reimpressão

das *Memórias*, hoje raras e cuidadosamente guardadas por quem possui algum exemplar. É para agradecer-lhe esta piedosa recordação do nosso comum amigo . . .”

“O livro publicado entre 1854 e 55, teve nova edição, já póstuma, em 1862”, informa Xavier Marques, devendo-se acrescentar que, inicialmente, apareceu em folhetim, no *Diario Mercantil*, firmado pelo pseudônimo *Um brasileiro*.

Daí por diante algumas outras edições das famosas *Memórias* vieram a lume, e ainda agora, aquela de que me valho, pertence ao gênero de *cordel*, e traz na capa, ilustrada pelo desenhista português Julião Machado, esta indicação sem data: Editor-Linacino Domingos de Magalhães — 126 Rua do Lavradio. As *Memórias*, segundo leio no anverso da capa referida, faziam parte da Coleção Brasileira do citado livreiro, à qual pertencem os volumes então publicados e oferecidos aos leitores a mil réis, e mil e quinhentos se remetido pelo correio, cada exemplar, a saber:

Por montes e vales, excursão a Ouro Preto, de Coelho Neto.

O ermitão de Muquem, de Bernardo Guimarães.

Rimas de outrora, de Alfonso Celso.

Os farrapos, cenas da guerra do Rio Grande do Sul, de O. Belo.

Memórias de um sargento de milícias, 2ª ed., por M. A. de Almeida.

Ao sol do sertão, de Viana Ribeiro, com um belo prefácio de Coelho Neto.

Enumerando as edições anteriores, citadas no *Dicionario Bibliográfico* de Sacramento Blake, Xavier Marques se reporta às de 1854, 1862, 1876 e 1880. Refere-se, ainda, à de 1900, da Livraria Garnier, com introdução de José Veríssimo, e não se esquece da edição popular, há pouco mencionada por mim, fazendo o reparo: “segunda edição ilustrada, o que faz presumir haja outras.”

A última edição, em data, é a da Livraria Martins, de S. Paulo, 1941, a mais recente e, por igual, a mais aprimorada.

“Livros relidos são livros eternos . . .” O conceito é de Machado de Assis, e a proveita admiravelmente às *Memórias* do seu amigo, embora não se realizasse, até agora, o vaticínio expresso no *O Futuro*, quanto às obras completas de Manuel Antônio de Almeida. Em compensação, a personalidade do escritor encontrou, por fim, “a justiça, tardia, mas inapelável . . . a sagração definitiva . . . a sagração

espontânea da posteridade..." diria, por ocasião do centenário do infortunado fluminense, Xavier Marques, estudando-o no tradicionalismo com que justifica "o homem moço, mas antigo..."

A vida breve, a obra dispersa e lacunosa, a morte trágica... tudo isso faz de Manuel Antônio de Almeida uma personagem singular. Quase diria, um herói! E porque não chamá-lo, realmente, um herói romântico, esbatido em misterio, esmaltando-se de legendas que o transformam assim, à distância do tempo, numa figura típica, admiravelmente estruturada para o cenário em que ele viveu?

Suas origens são vagas e imprecisas... Imitando a natureza, também ele não teve *antes* nem *depois*... Comparou-o um dos seus amigos de infância "a um meteoro luminoso"... A imagem é grandiloca, mas do tempo, e a ele, pela justeza, se aplica admiravelmente bem.

Filho de um tenente e de uma "santa e nobre criatura... mãe para todos...", nas comovidas expressões de um dos seus íntimos, Manuel Antônio de Almeida não tem passado, nem linhagem. Dele se sabe, que pereceu no mar...

Julio Feydit, nos *Subsídios para a História dos Campos dos Goitacazes*, volume publicado em 1900, informa, textualmente: "No dia 28 de novembro de 1861 naufragou o vapor *Hermes*, o qual, vindo para São João da Barra, tocara em uma pedra, pelas quatro horas da madrugada, distante légua e meia de Macaé; de 94 pessoas que trazia, morreram 40, salvando-se 54..." Manuel Antônio de Almeida foi um desses náufragos, isto é, um dos quarenta mortos, como deveria ser, trinta e cinco anos depois, um redivivo, justamente um dos quarenta patronos da Academia Brasileira. O que não se pode assegurar, por falta de provas, é que os despojos trasladados para o humilde cemitério de Barra de São João, onde se veneram as cinzas do incomparável cantor fluminense das *Primaveras*, sejam realmente os do autor das *Memórias de um sargento de milícias*.

Manuel Antônio de Almeida é fluminense da gema, carioca, como se diz hoje, nascido em 1831, em plena Regência, no dia 17 de novembro, e é bem possível tenha visto a luz na Rua das Belas Noites, denominação pitoresca do local a que chamamos agora, muito prosaicamente, o bairro da Lapa.

Ninguém sabe a escola que frequentou, na infância, nem ao menos, como adquiriu as humanidades que o levariam à matrícula na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, naquele ano de 1850.

Nem tudo se sabe, mas tudo se diz... assevera um conceito anatómico. Quem nos dirá que ele não frequentou uma daquelas escolas primárias do professor Barata, de que nos dá conta o seu contemporâneo e amigo Machado de Assis, ou uma aula semelhante àquela outra, da rua da Vala, "pequena e escura"... em que o professor era "um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; que usava de óculos, tinha pretensões a latinista, e dava bolos nos discípulos por dáca aquela palha...?"

Assim era a escola primária em que o padrinho barbeiro, como todos se recordam, matriculou o filho de Leonardo Pataca, cuja origem explica o romancista, provinha de uma pisadela e um beliscão.

Em 1856 Manuel Antônio de Almeida recebia o grau de doutor em medicina. Sua vida, porém, em nada se alterou, com isso.

Antes, durante e depois do curso, preferiu as letras à ciência. Para isso concorreram, naturalmente, vários fatores, inclusive o meio. O fator principal era, sem dúvida, o seu próprio pendor literário e o meio era, realmente, a imprensa, isto é, *O Mercantil*, depois *Correio Mercantil*, a cuja sombra e por atração do director, Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, se reuniram Francisco Otaviano de Almeida Rosa, Henrique César Muzzio, José Martiniano de Alencar e, com eles, Manuel Antônio de Almeida.

A imprensa absorveu-o e fascinou-o irremediavelmente, mas, nem assim, conseguiu destruir no jornalista o puro homem de letras que deveria ser, acima de tudo.

Nessa época de envolvente romantismo, qualquer outro teria sosobrado, mas Manuel Antônio de Almeida, filiado, como poeta, à escola do seu tempo e da sua geração, onde não fez carreira de relêvo, empreendeu, inexplicavelmente, e por feliz inspiração, através da novelística, uma viagem ao passado, e êsse trajeto conduziu-o por veeiros novos e inexplorados, à admiração e ao aplauso da posteridade.

Nas colunas providenciais do *Correio Mercantil* ou, mais exatamente, na *Pacotilha*, "o prato literário aumentado ao almoço dos assinantes de domingo", na humorística expressão de Otaviano, recordada por José Vieira, assim como, nas *Páginas menores*, que eram os suplementos artísticos do jornal de então, Manuel Antônio de Almeida afiou e procurou dar maior flexibilidade às suas armas de escritor, iniciado, pouco antes, nos *Arpejos poéticos*, no *Guaracinga* e no *Guaraciaba*, modestas revistas de vida efêmera.

Estamos reivindicando, ainda uma vez, para a imprensa, o inestimável serviço que, em várias fases da nossa história, ela tem prestado à cultura e às letras de nosso país.

O *Correio Mercantil* foi, com alguns outros órgãos da imprensa brasileira, para a geração romântica, o que deveria ser a *Gazeta de Notícias*, tempos adiante, sob Ferreira de Araújo, para a geração dos chamados parnasianos. Nas colunas daquele jornal apareceram, por assim dizer, os frutos mais sazonados do estro literário do jovem carioca, e entre eles, capítulo a capítulo, os quarenta e oito folhetins que constituem a sua obra mestra, ou, por melhor dizer, “uma reliquia literária, dessas que, à semelhança das de família, inspiram aos povos o culto enternecido das tradições, o carinhoso respeito às coisas que lembram o verdor do seu espírito e a infância da sua civilização”. Proclamou-o, judiciosamente, Xavier Marques, ao tomar posse da poltrona acadêmica em cujo espaldar refulge, gloriosamente, o nome do celebrado autor das *Memórias de um sargento de milícias*.

Substituto de Inglês de Sousa na immortalidade acadêmica, o venerando e eminente escritor baiano passará à história, nesse particular, como um dos melhores intérpretes, um dos mais sutis exegetas da obra imperecível do infortunado escritor fluminense, cujo sentimento íntimo, profundamente nacionalista, compreendeu e exaltou com admirável sagacidade crítica.

Diplomado em medicina e funcionário público em várias repartições da Fazenda, da ópera e da Imprensa Nacional, rezam as crônicas que Manuel Antônio de Almeida empreendeu a viagem fatal, como prólogo do seu próximo ingresso na vida política do país, ou, como querem outros, para assistir à inauguração do canal de Macaé e Campos.

A messalina, de que se queixava na velhice o desenganado Otaviano, encontrou na morte prematura da fascinante personalidade, uma rival impiedosa e cruel.

Oriundo das camadas mais humildes, ascendera Manuel Antônio de Almeida, na vida pública e em plena mocidade, a posições excelentes, invejáveis e de relêvo.

Subindo pelos méritos próprios e sem jamais perder contacto com o meio de que procedia, ninguém melhor do que ele para ajuizar e compreender a humildade daquele “distraído tipógrafo” que ele amparou, como diretor da Imprensa Nacional, e que, mais tarde, de-

veria ser o sucessor de Alencar na literatura brasileira e a mais completa, a mais alta e nobre expressão das nossas letras: Machado de Assis.

Dotado de uma polivalência espiritual verdadeiramente privilegiada, Manuel Antônio de Almeida, desaparecendo aos trinta anos de idade, reuniu em torno do seu nome vários títulos que o recomendam à admiração da posteridade. Médico, crítico, poeta, jornalista, em suma, escritor e homem público, orientou o seu pensamento construtivo tomando por base a linha mestra do nacionalismo. Este é e será, sem dúvida, o aspecto mais encantador de sua personalidade.

Em poesia, como já vimos, confundiu-se com os românticos, dando à estampa, entre outras composições esquecidas, uma poesia intitulada *Escuta*, publicada em 1851, aos vinte anos de idade, composta de sete quadras decassilábicas, de versos brancos, nas quais deixa transparecer os seus amores platônicos:

Escuta, virgem: tens um riso de anjo,
que infunde na alma singular quebranto:
pelo qual sonho que na doce infância
nos roça a mente no dormir de rosas.

Escuta ainda: teu olhar fagueiro,
espelho ingênuo de tua alma pura,
semelha o lago que, tranquilo e manso,
mostra no fundo as pérolas lustrosas.

Mas eu não quero que me infundas na alma
doce quebranto do teu riso de anjo,
mas eu não quero que me dês fagueiro,
volver donoso de teus lindos olhos.

Que se me deras um teu doce riso,
que se me deras um dos teus olhares,
pudera cego, desvairado e louco,
morrer de gôzo de ventura tanta.

Tambem não quero aventurada rosa
que entre teus dedos, amorosa, afagas,
que descuidada, por teus lábios passas,
e que perfumas de teus doces beijos!

Quero somente que uma vez na vida
digas meu nome e que me dês já murcha

a triste flor que desbotada arrancas
de teus cabelos, e que ao chão arrojas . . .

Quero somente que por meu sepulcro
um dia passes, que meu nome leias . . .
Que, "Amou-me", digas; isto só me basta
por prêmio caro de um amor tamanho.

São, como acabamos de ver, estrofes de grande simplicidade, que não destoariam, pelo ritmo, pela intenção e, também, pela morbidez dos sentimentos, da feição geral da poética de sua geração. Êsses versos caberiam, pelo sentimento e feição próprios, nas *Primaveras*, de Casimiro de Abreu, nos *Miosotis*, de Teixeira de Melo, enfim, em quaisquer outros volumes dos românticos daquela fase literária.

Suas produções em prosa, nas *Páginas menores*, do *Correio Mercantil*, publicadas entre 1854 e 1856, podem ser enumeradas neste índice, provavelmente incompleto: *A fisiologia da voz*, *O nome*, *O rio*, *As flores e os perfumes*, *As muletas de Xisto V*, *Uma história triste*.

Nos folhetins da *Revista Bibliográfica*, onde exercitou a crítica, temos ainda: Dr. Melo Moraes e Inácio Acioli; *Ensaio corográfico do Império do Brasil*; Lamartine, *História da Turquia*; Francisco Moniz Barreto, *Exercícios poéticos*, I e II; Junqueira Freire, *Inspirações do claustro*; Francisco Pinheiro Guimarães, *O Comendador*, romance; L. A. Navarro de Andrade, *O livro do povo*.

Escreveu, também, para o teatro, o libreto *Dois amores* . . . "no intuito", explica um dos seus panegiristas e amigo de infância, "de auxiliar uma grande idéia, qual foi a de instituir-se uma escola de ópera lírica nacional".

Eis aí, outro lançamento espiritual seu, o gosto da música, que o aproxima de Machado de Assis.

"Muitos escritos de redação, artigos de fundo do *Correio Mercantil*, cheios de eloquente convicção, em assuntos variados, múltiplos e originados de momento, produziu a sua musa de raríssima fecundidade . . ." Êste é depoimento de um contemporâneo, apaixonado admirador de Maneco Almeida, e não só isso, companheiro de infância. Bethencourt da Silva, que, transcorridos quarenta anos da morte do amigo, a ele se refere com o mesmo entusiasmo e o mesmo carinho das horas matinais que juntos conviveram.

A vocação irresistível das letras levou Manuel Antônio de Almeida a assumir, em dado momento, no *Correio Mercantil*, as mais

complexas funções, e daí o explicar-se a admiração que lhe notara Quintino Bocaiuva, o príncipe dos jornalistas de sua geração.

A música, mais que a ciência, e ambas talvez menos que as próprias cantoras líricas, inspiraram a Manuel Antônio de Almeida a sua gabada monografia intitulada *A fisiologia da voz*.

Afirma ironicamente Machado de Assis, em uma de suas crônicas de *A Semana*: "A verdade é que nós amamos a música sobre todas as coisas e as primadonas como a nós mesmos..." o que explica, de um certo modo, a queixa de Alencar, ao referir-se a uma delas: "...custa crer que uma mulher que não tinha coração, pudesse cantar tão bem!"

Mas o romantismo poético do autor de *Escuta* e do *Amor de criança*,

aquele amor foi a crença
mais doce da minha vida...

não obscureceu no jovem médico o sentido da realidade. Ao concluir o curso de medicina, o tema escolhido para a sua tese inaugural versa um assunto que constitui, ainda hoje, uma das preocupações sanitárias do Brasil: *A molestia vulgarmente chamada opilação será a clorose?* Com êsse trabalho científico, inspirado, naturalmente, pelas preocupações do Conselheiro Jobim, que era o diretor da Faculdade e, também, "em observações próprias", na opinião de um dos seus críticos, o Dr. Manuel Antônio de Almeida inclui o seu nome na nobre falange dos saneadores do Brasil, entre os quais avultam e dignificam nossa época: Osvaldo Cruz, Miguel Pereira, Carlos Chagas, Belisário Pena... Em qualquer outro, o tema poderia pressupor apenas uma simples imposição de momento, mas em se tratando de um espírito como êsse, profundamente nacionalista, a escolha da incógnita traduz uma feição, nítida e excelente, de patriotismo.

Todas essas coisas, afinal, já foram ditas e reditas.

A crítica, em alguns casos e, em particular, entre nós, assume às vezes atitude bastante curiosa daquilo a que poderíamos chamar, talvez, virtuosismo artístico. Cada um põe a partitura na estante, para executá-la segundo o seu próprio sentimento ou estado de alma, esquecido de que uma vida de homem possui, à semelhança da música e da escrita, a sua pontuação íntima, o seus sinais diacríticos, aos

quais é indispensável não trair os valores, se quisermos atingir uma conclusão lógica, dentro da relatividade da interpretação.

Foi isso, justamente, o que ocorreu a Amiel, quando escreveu no seu *Journal*, à guisa de observação para si mesmo: "Comprendre à fond un homme, ce serait voir à jour l'univers..." As lunetas ou microscópios da investigação crítica jamais poderão ir tão longe, dentro da alma humana.

Êsse é bem o caso de Manuel Antônio de Almeida, cuja biografia nos interessa menos qua a sua obra prima, ou como êle modestamente a classificou, *historieta*.

Se seus íntimos e contemporâneos, que depuseram perante a história, não conseguiram, não souberam ou não puderam retratá-lo fielmente, muito menos o fará qualquer de nós, cento e dez anos depois, através de um jogo malabaresco de suposições ou presunções mais ou menos engenhosas, no terreno resvaladio das hipóteses. Fato indiscutível é que êsse romântico, fugindo à tuberculose, não escapou ao naufrágio, e teve que sucumbir cedo, como qualquer outro dos seus companheiros de geração.

Sua táboa de salvação foi, pois, o seu talento, exteriorizado num livro excelente, que resistiu a tudo: ao folhetim, às edições mal cuidadas e fraudulentas e até à crítica nem sempre compatível com os méritos excepcionais de suas aspirações de renovador do romance brasileiro.

Quintino Bocaiuva e Machado de Assis foram os primeiros a proclamá-lo em seus valores. Muito tempò depois foi a vez de José Veríssimo e, ultimamente, por ocasião do centenário, Xavier Marques retomou o assunto com aquela justeza de conceitos que todos lhe reconhecem.

Cronologicamente, o último dos seus panegiristas é Mário de Andrade, que escreveu a *Introdução* para a magnífica edição das *Memórias*, exposta recentemente pela Livraria Martins, de S. Paulo. Segundo as anotações já referidas, êste deve ser o terceiro volume dado a público, com ilustrações, cabendo ao artista F. Acquerone a tarefa dos quadros que no livro se admiram. Mário de Andrade não poderia furtar-se às interpretações biográficas, já conhecidas. Referiu-se, porém, ao nacionalismo de Manuel Antônio de Almeida, segundo um ponto de vista muito pessoal, para combatê-lo, assim como combate o "realismo e naturalismo de escola", porventura apontados na

obra, pelos seus anteriores companheiros de crítica, concluindo: “A verdadeira filiação das *Memórias de um sargento de milícias* é essa da anedota da matrona de Éfeso em Petrônio, o conto de Cupido e Psiquê em Apuleio, e os casos de Cervantes, cuja bíblia se reagiu contra os livros de cavalaria, é bem a técnica e o espírito do romance picaresco espanhol que ergue ao sublime...”

A reação de Manuel Antônio de Almeida é contra o romantismo. José Veríssimo acentuou bem o fato, chegando mesmo a escrever: “o romance do malogrado Manuel de Almeida é perfeitamente realista, ainda naturalista muito antes do advento, mesmo na Europa, das doutrinas literárias que receberam êstos nomes.”

É certo que Balzac publicou o *Gobseck* e *La Maison du Chat-qui-Pelote*, volumes iniciais das *Scènes de la Vie Privée* em 1830, *La Femme de Trente Ans* em 1831-1842. *Le Colonel Chabert* em 1832, ao passo que as *Memórias* aparecem, inicialmente, em 1853. Naquela época, entretanto, não existiam ainda “o realismo e o naturalismo de escola”, entretanto, se iniciava uma nova fase de romances de costumes, de que o gênio incontestável do pai da *Comédia Humana* seria o criador.

O romance realista só aparece, de fato, em França, com a feição de escola, sob Flaubert, e *Madame Bovary* é de 1857. Emile Zola, nascido em 1840, publicou *Son Excellence Eugène Rougon*, em 1876. Compreende-se, assim, a veracidade indiscutível do que afirmou José Veríssimo, conferindo ao autor das *Memórias* o título de precursor do nosso naturalismo, sobrepondo-o, com toda a razão, a Flaubert e a Zola.

Mário de Andrade, no seu dinamismo espiritual, passou em revista, sob todos os pontos, as *Memórias*, demorando-se um pouco mais nos aspectos demopsicológicos de que o livro é, sem dúvida, um filão inesgotável, e de um sabor muito próprio, por ser o de um inovador. Como não podia deixar de ser, o folclore musical do romance absorve o maior espaço da crítica de Mário de Andrade. Discordando-se em pequeninas minúcias, para se aplaudir, de um modo geral, a interpretação de Mário de Andrade, acerca do autor e da obra, o seu trabalho não desmerece, e se equilibra, perfeitamente, no mesmo pé de igualdade dos melhores, já escritos, sobre o *Sargento de milícias*. Seu estudo revela o erudito.

Desde que se insinuou que “um velho amigo... companheiro incansável de fadigas, empregado no *Mercantil*, revendo-se nos belos

dotes de Almeida, animava-o, e incitava-o até, para que escrevese coisa de fôlego..." palavras que copio, textualmente, de Bethencourt da Silva, desde êsse momento o capitão Antônio César Ramos passou a entrar como meheiro na glória literária de Manuel Antônio de Almeida. É preciso não esquecer, entretanto, que o pai do romancista era militar. É indispensável ter em conta, igualmente, que na casa da rua das Belas Noites se reunian, em tertúlias e cavacos literários, sob as vistas daquela respeitável e boníssima matrona, mãe do Maneco, os companheiros de seu filho.

Muita coisa teria ouvido Manuel de Almeida da própria boca do capitão Ramos, mas outras muitas, igualmente, ao seu pai e à sua mãe. Cada um de nós sabe, por experiência, o que são, ou, pelo menos, o que eram serões familiares.

Mas o livro famoso não é, apenas, a reconstituição deliciosa de um passado, pois é também uma carta de alfinetes contra muitos costumes que existiam, e ainda existem um século depois.

Das raras personagens que escapam às sanções do romancista crítico, uma existe que, pela sobriedade com que é pintada, parece reivindicar para o referido capitão as dignidades de uma conduta austera. Colocou-o Manuel de Almeida entre aqueles "três ou quatro oficiais superiores, velhos, incapazes para a guerra e inúteis na paz, que o rei tinha a seu serviço, não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço". Eram eles que se alojavam na "saletaou quarto que os gaiatos e o povo denominavam *O pátio dos bichos...*"

O retrato que dele nos dá o romancista, é dos mais sugestivos. Dis êle assim: "Era velho como seus companheiros, porém de certo por êle não é que tinha vindo ao quarto o apelido que lhe davam; suas feições quebradas pela idade tinham ainda certa regularidade de contórno, que bem denotava que no seu tempo de rapaz não fôra a respeito de beleza mal favorecido; de seus cabelos, que o tempo levava, restavam apenas, orlando-lhe as têmporas e a nuca, alguns anéis crespos e prateados; sua calva era nobre e imponente. Fôra valente; ganhara por seus feitos as dragonas de tenente coronel; era filho de Portugal, e acompanhara el-rei na sua vinda ao Brasil."

A promoção a tenente-coronel é um disfarce, e pode ser mesmo propósito de demonstração da amizade e do respeito que lhe devotava o romancista.

Além disso, que se lê no capítulo 8º, o capítulo 10, da 1ª parte, inicia por esta advertência: "o velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciência um sofrível par de pecados, desses que se chama da carne, e que não hão de ser levados em conta, não de hoje, que a idade o tornara inofensivo, porém do tempo da sua mocidade." Entre respeitoso e irônico, mas sempre verídico, Manuel de Almeida inclui o amigo real entre personagens, em geral, de ficção, sem deixar, contudo, de marcá-lo com a unhada da crítica.

A urdidura da história, passada em Portugal, não tem nada de improvável. Pintando tipos, descrevendo cenários e costumes de época anterior àquela em que vivia, o romancista atinge tamanha perfeição de veros semelhança, que Ronald de Cavarilho foi ao ponto de se equivocar, removendo o tempo do rei para a própria fase histórica vivida pelo autor, quando esse apenas realizava um painel do instante colonial.

Pintura, não apenas de fachada a superfície, à semelhança dos cenários teatrais, porque, além de procurar desvendar o avêso das coisas, penetrando no interior das casas desse tempo, o autor lança ainda mais ao fundo a sua sonda, revelando-nos o estado psicológico daquela época, através da demopsicologia, e, palpando-lhe os costumes, aponta e condena, aqui e ali, as maselas sociais que a corroíam e corrompiam. Logo de início êle nos põe em guarda contra "os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais e todos êsses trajeitos judiciais que se chamam o processo.

"Com a nossa liberdade de contador de histórias", é êle mesmo que nos adverte, Manuel Antônio de Almeida vai polvilhando o seu livro de anexina, de máximas, ditos, ditados, enfim, dos modismos peculiares ao nosso povo, fundindo naquela língua sávida, viva, sem preconceitos, licenciosa e saborosa, por espontânea, a fala dos reinóis e o liguarjar balbuciante da nossa gente primitiva e rude. Das várias feições dessas modalidades, daremos aquí alguns exemplos, recolhidos ao acaso da leitura.

"Honra de meirinho é como fidelidade de saloia."

"Ora, comadre, esta não lembra ao diabo . . . por isso eu sigo a regra antiga de não me fiar em coisa que traz calções."

"Mas o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo."

"Ninguém que tivesse juízo se metia (com os ciganos) em negocio, porque tinha a certeza de levar carolo."

"A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas, eram o observatório da vida alheia."

"Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de faca e calha valentona, presunçosa e que se gabava de não ter papas na língua."

"Hei de me meter, não é da sua conta."

"O pobre homem azuou com o caso."

"Casaram, sim, é verdade . . . , porém, com que marido? Um tomava moafas de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jogo."

"Pirolas, disse consigo, então o negócio é sério."

"Leonardo e Luizinha conversavam, ou, antes, cochichavam, como se diz textualmente."

"O Leonardo Pataca o a comadre faziam o papel de conciliadores, mas os dois eram ambos altanadíssimos, e muitas vezes o conciliador saía mal servido . . ."

"Andou a bom andar por largo tempo, e foi dar consigo lá para as bandas dos Cajueiros . . ."

"... entre os restos de um jantar, se debruçavam curiosos sôbre dois parceiros que, com um baralho de cartas amarrotado e sujo, desencabeçavam uma intrincada bisca!"

"As gargalhadas que ouvira a pouco tinham sido a consequência de um capote que um deles acabava de levar."

"... depois daquele maldito dia em que nos vimos em pancas, por causa do mestre de cerimônias . . ."

"... e enquanto continuava a bisca, comeu êle a barrete fora."

"Ah! estás de moça!"

"... as raparigas parece que gostam mais de cambetice do que de reza."

"... falo muito . . . meus pais eram algarves e eu não quero desmentir a minha paternidade."

"É um aleive, senhora, um aleive muito grande que levantou a pessoa que tal não merecia."

"Aí está o lucro que se tira de meter-se para dentro de casa um par de pernas, que não pertence à família."

"Seria inútil a tentativa de querermos repetir as palavras textuais de cada um dos faladores; isso seria coisa pouco mais ou menos semelhante a querer contar-se, em uma tempestade, os pingos de chuva que caem."

“Não há nada que sirva mais para fazer nascer e firmar a amizade e mesmo a intimidade, do que sejam os risos e as lágrimas: aqueles que se riram, e principalmente aqueles que uma vez choraram juntos, têm muita facilidade em fazerem-se amigos.”

“És um viramundo, andas feito um valdevinos sem eira nem beira nem remo de figueira, sem ofício nem benefício, sendo pesado a todos nesta vida.”

“A comadre ia prosseguir, porém sendo a cada passo interrompida, tomou por seu barato a coisa por finda.”

“Vidinha... julgara conveniente deixar-se de panos quentes e fôra direito a êles, como se diz, com quatro pedras na mão...”

“O major Vidigal fôra às nuvens com o casso: nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse pôsto a mão, lhe havia podido escapar, e entretanto aquele lhe viera pôr sal na moleira...”

“... e agora no fim de contas vir um mequetrefezinho pôr-me sal na moleira...”

“Agora não há garoto por aí que, sabendo disto, não se esteja a rir de mim, e não contente já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como êste.”

“era um homem sem ofício nem benefício, vivendo à custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas.”

“não queria de modo algum o adjutório dos granadeiros...”

“Vá chorar na cama que é lugar quente.”

“tendo por boca pequena explicado tudo aos demais.”

“por entre muitas pragas e esconjúrio deram grandes risadas à custa do major.”

“e assim de pé para mão, não era das coisas mais fáceis.”

“Disse-lhe poucas, porém boas.”

“em vez de prorromper em uma matizada contra sua companheira...”

“Manuel pusera, como se costuma dizer, as mangas de fóra.”

“depois que êle se meteu na polícia, nem mais, nem ontem... quem sabe o que por lá vai!”

“Deus é assim, escreve direito por linhas tortas.”

“O Leonardo achou um dia o salvatério...”

Observador alerta e pontual, iludindo sempre aos leitores prevenidos, com a suposição da superficialidade, pela leveza e correntio do estilo despreocupado, Manuel Antônio de Almeida consegue, por processos pessoais, que os seus heróis, à semelhança dos de Bal-

zac, “depassent la réalité” o que o próprio meio, onde se agitam, por mais inverossímil, assumo o aspecto da realidade, “parce que l’imagination ne fait qu’agrandir les données de l’observation”.

A pena dêsse rapazola que investiga o passado possui, como a forramenta dos mineiros, um farol na extremidade. Seguindo-o, nas suas preocupações de historiador e romancista, vemos desenrolar-se diante dos nossos sentidos a tela da cidade, no tempo do rei, e não só a fisionomia dos seus habitantes, mas a própria fisionomia das coisas.

A casa daquele fidalgo de valimento, a quem o tenente-coronel recorre, “para dele obter a soltura do Leonardo”, é uma das mais belas pinturas dêsse livro que, a bico de pena, consegue o mesmo resultado típico do das obras de Debret.

“Morava êle” diz o romancista, “em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rótulas de pau com pequenos postigos, que se abriam às furtadelas, sem que ninguém de fora pudes-se ver quem a êles chegava . . .”

A curiosidade de Manuel de Almeida não deixaria nunca o leitor à porta da rua, ante o mistério dessas habitações de outra época. Quando êle empreende a composição de um quadro, o seu pincel não pára diante de qualquer obstáculo; o que êle deseja, e realiza, é o espetáculo completo e definitivo do ambiente em que vivem os seus heróis.

Dotado daquela percepção introspectiva do passado, êle intervem, a todo momento, no seu livro, orientando o leitor, alertando-o, informando-o, dando-lhe explicações, porque, como Michelet, “êle vê mil coisas invisíveis” que passariam indiferentes ao povo, e o seu coração emocionado dispõe de uma “seconde vue”, reclamada pelos críticos para a obra monumental do autor da *História da Revolução Francesa*.

Vimos parte da casa, vejamos agora o resto:

“A poeira amontoada nos cordões da rótula e as paredes encardidas pelo tempo, davam à casa um aspecto triste no exterior; quanto ao interior, andava pelo mesmo consequente . . .” Esta última expressão, “pelo mesmo consequente”, era ainda familiar, entre os meus, na minha infância.

Continuemos a ouvi-lo: “A sala era pequena e baixa, a mobília que a guarnecia era tôda de jacarandá e foita no gôsto antigo; tôdas as peças eram enormes e pesadas; as cadeiras e o canapé, de pés arca-

dos e espaldares altíssimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofo e a palhinha. Quem quiser ter idéia exata dêz tes móvies procure o consistório de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns deles . . .”

Manuel de Almeida não se contenta com o descrever as coisas e nos explica, a todo momento, as modificações que se iam introduzindo nos costumes do povo: “os assentos de couro . . . moda de transição entre o estofo e a palhinha . . .” Aos que porventura não o acreditem, aponta os locais exatos, onde poderão confrontar a veracidade de suas informações.

“As paredes”, o inquérito ainda prossegue, “eram ornadas por uma dúzia de quadros, ou antes caixas de vidro que deixavam ver em seu interior paisagens e flores feitas de conchinhas de todas as côres, que não eram totalmente feias, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquele tempo. Á direita da sala havia sôbre uma mesa um enorme oratório do mesmo gôsto da mobília. Havia, finalmente, em um canto, uma palma benta, destas que se distribuem em domingo de Ramos.”

Essa é uma das descrições mais minuciosas, verdadeiramente balzaqueana, de todo o livro, e o autor, quando se deu a êsse trabalho de reconstituição, tinha em mente uma intenção, que êle mesmo explica, ao encerrar a pintura, escrevendo: “e se o leitor agora supuser tudo isto coberto por uma densa camada de poeira, terá idéia perfeita do lugar em que foi recebido o velho tenente-coronel, e que era pouco mais ou menos semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demoramos em descrevê-lo.”

Na sua aparência de desequilíbrio, muito justificada em uma obra como essa, a unidade de entrecho é, entretanto, uma das preciosidades dêste livro admirável. E êsse fato não escapou à sagacidade do próprio autor, isto é, ao crítico irônico da tolice ambiente, porque, êle mesmo, em dado momento, voltou contra si próprio o instrumento de análise manejado contra os outros, para se desculpar, dizendo: “Era má sina do major ter sempre de andar, desmanchando prazeres alheios, e infelicidade para nós, que escrevemos estas linhas, estarmos caindo na monotonia de repetir quase sempre as mesmas cenas com ligeiras variantes: a fidelidade, porém, com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga . . .”

Essa “parte dos costumes” que êle não pretendeu apenas esboçar, mas o conseguiu, excelentemente, constitue a polpa, o cerne das *Memórias*. É aí, mais do que em qualquer outro manancial histórico, que nos podemos abeberar à farta, quando quisermos nos des-sentar, matando a sêde de curiosidade do passado.

Quanto aos costumes, de 1850 a 1860, já se sabe que essas páginas tomam os foros de um indicador precioso, de um verdadeiro álbum, florilégio ou *aide-memoire*, através dos quais ressuscitamos a taboada cantada, as palmatórias do mestre-escola, e do mestre de rezas, a gazeta dos escolares, as ceroulas curtas e largas, as mangas de presunto do vestuário feminino, as nove badaladas do sino grande da Sé, anunciando parturientes em perigo, o ramo de arruda, a palha benta, a alfazema dos recém-nascidos, as cadeiras de campanha, as cruzes negras das paredes das casas, o ofício de parteiras e, enfim, a inumerável sarabanda dos usos e costumes de uma sociedade em formação.

Mas não é só isso o que se refere ao sargento de milícias. Manuel de Almeida não se contenta de ser apenas um bateiador de fatos, pois é também, ao lado disso, um comentador dos maus costumes, da licenciosidade, da amoralidade e hipocrisia ambientes, e, a seu modo, um moralista. Êle usa, a cada passo, do *ridendo castigat mores*, e os exemplos, a êsse respeito, são dignos de meditação e reparo.

Vejam os alguns deles. Principiemos pelo mestre de cerimônias: “O mestre de cerimônias era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da ilha Terceira”, formado em Coimbra, “por fora era um completo S. Francisco de austeridade católica, por dentro refinado Sardanapalo, que podia por si só fornecer a Bocage assunto para um poema inteiro; era pregador que buscava sempre por assunto a honestidade e a pureza corporal, porém, interiormente, era sensual como sectário de Mafoma...” O pregador era, em uma palavra, o rival de Leonardo, vivendo em comborçaria com a cigana, amante de ambos.

Pondo em evidência um dos vadios da época, certo Chico Juca, escreve: “Ser valentão foi em algum tempo ofício no Rio de Janeiro; havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de propósito uma desordem, contanto que se lhes pagasse, fôsse qual fôsse o resultado...”

Confrontando os costumes religiosos de duas fases diferentes, dirá: “Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufalufa, de movimento e agitação, e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época em que viveram as persona-

gens desta história, a coisa subia de ponto... É quase tudo o que ainda hoje se pratica, porém, em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas dêsse bom tempo, mas nós diremos, porque era feito por moda; era tanto do tom enfeitar as janelas e portas em dias de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festas religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer à cabeça um formidável trépa-moleque, de dois palmos de altura..."

"Nas escadas do império (entre barracas de bonecos, de sortes e raridades e de 'teatros como hoje') armadas no Campo de Santana, fazia-se leilão... divertindo-se muito o povo ali apinhado com as graçolas pesadas do pregoeiro..."

"Ser soldado era naquele tempo, e ainda hoje talvez, a peor coisa que podia suceder a um homem..." e ainda: "Ora, soldado, naquele tempo, era coisa de meter medo", porque, diz um historiador: "A tropa vive em estado de indisciplina permanente, e os soldados são os maiores desordeiros."

Justificando os muitos apelidos das personagens que aparecem nas *Memórias*, diz, de uma feita, aludindo a Maria Regalada: "Isto de apelidos, era no tempo desta história uma coisa muito comum; não estranhem, pois, os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham êsse appendice ao seu nome."

Da filosofia de Manuel Antônio de Almeida pode-se fazer uma idéia precisa, tendo-se em conta estas amostras:

"Quando temos apenas 18 a 20 anos sôbre os ombros (é o seu caso), o que é um pêso ainda muito leve, despresamos o passado, rimos-nos do presente e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é o melhor apanágio da mocidade."

"O coração da mulher é assim; parece feito de palha, incedeia-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza que o mais leve sôpro espalha e desvanece."

"É muito antigo dizer-se que há uma coisa ainda peor do que um inimigo, e é um mau amigo."

Há, porém, mais e melhor do que isso, e é quando o romancista critica desassombradamente a lassidão de costumes do seu tempo, nos trechos que passaremos a expor. Pondo o leitor em contacto com uma nova individualidade, dirá dela:

"Figure o leitor um homenzinho nascido em dias de maio, de pouco mais ou menos trinta e cinco anos de idade, magro, narigudo,

de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas, zapatos de fivela, capote e chapéu armado, e terá idéia do físico de José Manuel. Quanto ao moral, se os sinais físicos não falham, quem olhasse para a cara do José Manuel assinalava-lhe logo um lugar distinto na família dos velhacos de quilate. O homem era o que parecia ser, Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre tôdas as suas qualidades possuíã uma que infelizmente caracterizava naquele tempo, e talvez que ainda hoje positive claramente, o fluminense, era a maledicência . . .”

“Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empanho e o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social.”

“Naqueles tempos ainda se não usavam os discursos fúnebres, nem os necrológicos que hoje andam tanto em voga; escapamos, pois, de mais essa. José Manuel dorme em paz no seu derradeiro jazigo.”

“... um sargento de linha não podia casar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dois amavam-se sinceramente, e a idéia de uma união ilegítima lhes repugnava. O amor os inspirava bem. Esse meio de que falamos, essa caricatura da família, então muito em moda, é seguramente uma das causas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade.”

Manuel de Almeida é, como se vê, muito mais que um simples narrador. Da sua habilidade de fixar em dois ou três traços rápidos e felizes uma personagem, e retrato da Vidinha é o mais belo dos exemplos: Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muitos pretos e muito vivos, os lábios grossos e húmidos, os dentes alvíssimos; a fala era um pouco descansada, doce e afinada.” (Não esquecer o Nei, de Coelho Neto: “Tinha sol nos olhos e sabiã na voz.”)

Medularmente nacionalista, sem poupar, contudo, os defeitos de sua gente, Manuel Antônio de Almeida era, também, um dos nossos primeiros regionalistas, a quem seduzem e embriagam as belezas da Terra em que nasceu. Escutai como êle inicia um dos capítulos do seu romance: “Chegaram todos depois de um longo caminhar e quando já brilhava nos céus um dêsses luars magníficos que só fazem no Rio de Janeiro . . .”

Repito, ainda uma vez, aquilo que todos sabem: As *Memórias de um sargento de milícias* são um dos mais autênticos retratos do Brasil

colonial, não somente pela pintura em que excele o engenho do seu autor, mas pela abundância, pela fartura, pela riqueza extraordinária de motivos e informações inerentes à nossa demopsicologia. Evidentemente, essa era a intenção do autor ao se arriscar em assunto de investigação, mais ou menos histórica.

O que admira em Manuel de Almeida é que, sendo êle a pelear primeiro, em tal empresa (de feição puramente literária, é certo), nela se houve com um equilíbrio e um *savoir faire* dignos de pena já experimentada. A naturalidade com que as cenas, os cenários e as personalidades vão aparecendo e entrando em ação, para viverem diante de nós, dão ao livro o aspecto da melhor realidade. É como se estivéssemos assistindo, como comparsas daquela época, às coisas tôdas existentes no tempo do rei...

Por isso mesmo, o entrecho do romance, que é quase nada, não aborrece nem enfara ao leitor, cuja curiosidade se reacende na enca-deação dos capítulos, pela novidade dos costumes, pela variedade do linguajar, pela viveza dos diálogos em que as próprias personagens se definem, humanizam e corporificam, sem subterfúgios, e, mais do que isso, que é tudo, independentes da interferência do autor.

A demopsicologia é, por assim dizer, a alma dêsse livro. Quem se dispusesse a rastrear-lhe o folclore, comporia, com os assuntos nele versados, um compêndio, ou, melhor, o espelho da alma primitiva do nosso povo, naquele período colonial.

Anotemos, de passagem, as informações que êle nos dá a respeito das “cruzes negras pregadas pelas paredes”, diante das quais a procissão dos fiéis, saindo do Bom Jesus e de outras igrejas, vinha orar às quartas-feiras e em outros dias da semana, num “ato, que satisfazia a devoção dos carolas” e “dava pasto e ocasião a quanta sorte de zombaria e de immoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamam contra o despeito dos moços de agora...” Anotemos ainda a referência à “nigromancia”, à procissão dos ourives, ao rancho das baianas que a precedia, à festa do Divino Espírito Santo, com a sua cantiga, da Folia:

O Divino Espírito Santo
é um grande folião,
amigo de muita carne,
muito vinho e muito pão.

Enumeremos os vários motivos do folclore musical, consignados no volume: O fado, com as suas variantes da roda, a tirana, os estribilhos de modinhas e toadas:

Se os meus suspiros pudessem
aos teus ouvidos chegar,
verias que uma paixão
tem poder de assassinar...

e aquela outra:

Duros ferros me prenderam
no momento de te ver;
agora quero quebrá-los,
é tarde, não pode ser...

e mais esta, ainda, de bom quilate português:

Quando estava em minha Terra,
acompanhado ou sozinho,
cantava à noite e de dia
ao pé de um copo de vinho...

e, para terminar, esta parelha de versos, usados ironicamente contra o Vidigal, após a fuga do Leonardo:

Passarinho foi-se embora,
deixou-me as penas na mão...

Nesse capítulo há também uma referência ao desafio: "os convidados do dono da casa, que eram todos de além-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes" acompanhados a rabeca. O desafio é, como se vê, de origem forasteira; poderia escrever forânea, como se diz, hoje nagiria dos nossos marchantes de gado, do Distrito Federal, aludindo aos animais oriundos dos Estados.

Sarmiento, em 1851, recordando "las semejanzas notables que representan los argentinos con los árabes", diz em uma nota do *Fa-cundo* que "En Argel, en Orán, en Máscara y en los aduare del desierto, vi siempre a los árabes reunidos en cafés... apiñados en derredor del cantor, generalmente dos, que se acompañan de la vihuela a dúo, recitando canciones nacionales plañideras como nuestros tristes..."

Cantava o português à rabeca, o árabe à viola e o gaúcho argentino à guitarra.

Manuel de Almeida, como vimos, alude à tirana e ao fado, “essa dança tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo de arte”, e da qual descreveu, também, os vários passos, e a variante, da roda. Fala, incidentemente, no minueto da corte, e não se compreende como não fizesse referência mais demorada aos vários passos do mesmo.

Em 1834, na cidade de Campos (E. do Rio de Janeiro) houve um professor, J. C. da Costa, que anunciava pelo *Campista* lições de dança, isto é, “Minuetes: liso, de corte e afandangado”, que eram passos de salão. Dansas de terreiro, daquela época e no mesmo local eram o fato batido, a mana-chica do Caboio e a andorinha... Mencionam as *Memórias*, igualmente, “a música de barbeiros”. Não havia festa que se passasse sem isso... meia dúzia de aprendizes ou oficiais de barbeiro, ordinariamente negros, armados este com um piston desafinado, aquele com uma trompa diabolicamente rouca, formavam uma orquestra desconcertada, porém estrondosa, que fazia as delícias dos que não cabiam ou não queriam estar dentro da igreja...” Não provirá daí a expressão barbeiro, usual em nossos dias?

O capítulo das superstições não é menos curioso.

Arrola-se nas *Memórias* uma infinidade delas, e a mais completa, pela descrição, é uma casa de caboclo. “Lá para as bandas do Mangue da Cidade Nova, ao pé de um charco, quase sempre fechada, rodeada de mistério”, habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestável; era um caboclo velho, de cara hedionda e imunda e coberto de farrapos...” “Esse homem tinha por ofício dar fortuna.” “E não era só a gente do povo que dava crédito às feitiçarias; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam, às vezes, comprar venturas e felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições.”

As mulheres que tinham ofício de parteiras também rezavam de quebranto, e usavam a arruda, a figa de osso, a palma benta, a fita azul em roda da cintura das parturientes, a alfazema, a garrafa... Quando as parturientes estavam em perigo, o sino grande da Sé anunciava o fato, dando nove badaladas; e quando alguém era infeliz, em qualquer negócio, dizia-se, como se disse do Leonardo, que “entrara para a ucharia com o pé esquerdo.”

É para admirar e também para lamentar que os modismos de linguagem encontradiços nas páginas das *Memórias de um sargento de milícias*, não tivessem despertado, até agora, a curiosidade e o estudo dos nossos filólogos. No meu amadorismo itinerante, fui recolhendo os seguintes, que ofereço à meditação dos eruditos:

Aferventar, punir por pagnar, andar e levantar poeira, ditérios, recolheu para a casa, desasnar, levar carôlo, par de doblas, pelo mesmo consequinte, de faca e calhau, serrazina, cascar bolos, o homem azuou, você respiga?, feito por fé, tomar moafas, desunhar, cochichava (como se diz vulgarmente), altanadíssimos, andar a bom andar, desencabeçava uma bisca, cargas de água, em pancas, a barrete fora, cambetice, aleive, sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem ofício nem benefício, tomou por seu barato, panos quentes, com quatro pedras na mão, garoto, sal na moleira, melquetrezezinho (emendado para mequetrezezinho na edição da Livraria Martins, de 1941, mais conservado na “Edição escoimada de vícios de forma”, da Gráfico-Editora Monteiro Lobato, de 1925), mono (como sinônimo de peça), enchendo de pernas a casa . . . , adjutório, chorar na cama que é lugar quente, por boca pequena, esconjúrio, de pé para mão, toma largura, ficou pasma, poncas porém boas, matinada, um afazer, nada de novo, nem novas nem mandados, língua de negro, patusco, mangas de fora, nem mais nem ontem, escrever direito por linhas tortas, salvatério, etc . . .

Como acabamos de ver, a contribuição é das mais preciosas. Há, porém, certos termos que desafiam, desde logo, uma apreciação imediata. Quero referir-me, para exemplo, à palavra *banquinha*, que talvez muitos leitores de hoje desconheçam. Na extensa família da mobiliária de outrora, a banca, banqueta ou *banquinha* é uma das formas de assento das mais modestas e rudimentares. Enquanto o sofá e a cadeira ornamentavam a sala de visitas, o banco, o tamborete e o mûcho se distribuíam pelas salas de jantar ou varandas, de alguns pontos do Brasil. A *banquinha*, mais modesta, se refugiava nos quartos de costura, ao lado da almofada de rendas, ou pelas cozinhas, sendo utilizada para descanso da senhora velha, geralmente gorda, e pelas crias da casa. Esse móvel, uma das reminiscências da minha infância, não podia estar ausente nas *Memórias* e dele faz menção o romancista, dizendo: “A comadre (a parteira da Chiquinha, que era sua filha e moça do Leonardo) assentou-se aos pés da cama em uma *banquinha*, e desunhava também em um grande rosário.”

A cena do parto, descrita por Manuel de Almeida, é mais um flagrante dos costumes da época a que êle se reporta, e nada lhe falta. Movido pela curiosidade folclórica, fui a Teschauer, a Bernardino de Sousa, a Alfredo Augusto da Mata e Valdomiro Silveira e em nenhum deles encontrei a palavra banquinha. Fique, pois, o reparo à guisa de advertência aos estudiosos do nosso vocabulário.

De passagem, igualmente, anotarei que Manuel de Almeida alude ao trepa-moleque de dois palmos de altura, com que se penteavam nossas tetravós e ainda a outro penteado, nosso contemporâneo, que êle chama de bugres, descrito assim: "eram dois grossos cachos caídos sobre as fontes." Todos conhecemos o penteado à guaraní, isto é, as franjinhas de cabelo caídas sobre a testa, mas nem por isso poderíamos deixar de supor que o penteado de bugres, talvez pudesse ser uma deturpação de *boucles*...

No capítulo ainda das curiosidades, vale a pena consignar outro fato, que uma passagem do livro sugere. Refiro-me à cena de ciúmes que os novos amores do Leonardo produziram no temperamento voluntarioso de Vidinha. Diz o romancista: "Não há coisa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quanto a Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido; estava feia, e até repugnante."

Entretanto, a mesma cena produziria, na sensibilidade de outro escritor, uma emoção diametralmente oposta.

Ouví e comparai com aquela esta passagem da *Ceia dos cardeais*, que Júlio Dantas põe nos lábios do cardeal Montmorency:

... Nesse instante, alguém,
uma linda mulher que eu já tinha encontrado
nas ruas de Versailles, em seu côche dourado,
a Embaixatriz da Áustria, uma deusa, um assombro,
pairou, num gesto lindo, a mão sobre o meu ombro
e disse, numa voz desdenhosa: "Marquês,
detesto-o." Sorri. Nisto, segunda vez:
"Aborreço-o." Ri ainda. Ah, Eminência!
Uma mulher bonita a dizer insolências
é a coisa mais galante e mais deliciosa
que pode imaginar-se. É como se uma rosa
soltasse imprecações, vermelha e melindrada,
contra as asas de sol de uma a belha dourada...

A aproximação vale por um documento da alma humana...

Outro reparo, dos mais curiosos e interessantes, que se poderia fazer à obra de Manuel de Almeida, é, sem dúvida, o de suas afinidades espirituais com Machado de Assis.

Mário de Andrade alude ao fato, no decorrer da *Introdução* que escreveu para a última edição das *Memórias*, anotando: "Havia mesmo na maneira com que Manuel de Almeida se exprimia, algo do estilo espiritual de Machado de Assis." O reparo é absolutamente exato e o crítico alinhou alguns exemplos para comprovar o seu asserto.

Esse paralelismo de idéias, contudo, não surpreende apenas por aquilo que poderíamos chamar de casualidade de estilo, ou simples boleio de frases, pela semelhança de vocábulos da simpatia dos dois escritores. O fenômeno, entretanto, assume proporções ainda mais nítidas, à medida que passamos do confronto superficial da maneira, isto é, do modo habitual de dar forma e expressão ao pensamento, para a própria idéia fundamental e nuclear em torno da qual se desenvolvem o raciocínio, a imaginação e a fantasia criadoras dos dois romancistas. As épocas podem explicar muito dessas coisas, mas nem tudo se explica só por elas.

Logo na segunda página do primeiro capítulo do *Dom Casmurro*, precisamente no fim do bilhete, há este trecho: "Venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça." A última expressão recorda, instantaneamente, esta exclamação das *Memórias*: "Ah!... estás de moça!" Ambos se utilizaram de igual eufemismo e com a mesma intenção. Em Manuel de Almeida e Machado de Assis as recordações da infância, da escola, das gazetas, da palmatória, da igreja, das ruas da cidade com os seus costumes, dos homens com seus tiques e hábitos, de tudo, enfim, quanto povoava o passado, formam, entre eles, um encadeamento lógico, tão natural, que somente a mesma propriedade de observação e a mesma identidade de sentimento poderiam explicar.

Às vezes o tecido irônico da frase é de tal modo peculiar a um e outro, pelo tom humorístico e pelo relêvo crítico, que, desgranadas do livro, levariam a dúvida ao mais fervoroso anotador de Machado de Assis. Nem um deles vacilaria, apanhado de surpresa, em conferir-lhe a paternidade dessas duas frases: "aí está o lucro que se tira de meter-se para dentro de casa um par de pernas, que não pertence à família"; "era um homem sem ofício nem benefício, vivendo à custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas."

Os estudiosos da obra machadeana terão de memória muitas dessas expressões correlatas, encontradiças nos seus volumes: “benditas pernas, um par de bigodes . . .” e uma infinidade de expressões outras, equivalentes e do mesmo sabor com que o grande mestre floriu o seu delicioso estilo.

Ainda há mais. A crítica já apontou, exaustivamente, a preferência de Machado de Assis pelas viúvas. Pois Manuel de Almeida não as esqueceu, igualmente, escrevendo de uma delas: “Luizinha e Leonardo haviam reatado o antigo namôro, e quem quiser ver coisa de andar depressa é ver namôro de viúva.”

Há, além disso, muito mais ainda: O capítulo 9º, da primeira parte das *Memórias*, traz por título: “O arranjei-me do compadre”. Nele se conta a história de “uma cinta de ouro e uma caixa de pau pejudas de um bom par de doblas em ouro e prata” que o barbeiro recebeu a bordo, de um capitão moribundo, para fazer chegar a mãos de terceiros e “o compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez”, advertindo, maliciosamente, o romancista: “Eis aqui como se explica o arranjei-me, e como se explicam muitos outros que vão aí pelo mundo.” O suje-se gordo! das *Relíquias de casa velha*, publicadas em 1906, sugere a possibilidade de uma reminiscência do arranjei-me do compadre.

Em ambos ocorre a mesma ironia, o mesmo critério, o igual pingo de malícia e sarcasmo.

Quem não teria sublinhado a coincidência dêsse mesmo título *O agregado*, que se lê nas *Memórias* e no *Dom Casmurro*?

Entre o autor das *Memórias de um sargento de milícias* e o autor das *Memórias póstumas de Bras Cubas* não coexistiam apenas semelhanças exteriores que assuntos correlatos e de épocas aproximadas poderiam explicar. Há, é certo, entre os dois, muito mais do que isso. Há, por assim dizer, uma filiação espiritual bastante acentuada, um sentido mais profundo, mais íntimo, que o confronto das obras põe em relêvo. Situações idênticas, procuradas ou observadas, encontram na palheta de ambos a mesma identidade de graça, de estilo e colorido para a composição do mesmo painel.

Vamos colocá-los outra vez um em face do outro. Manuel de Almeida nos descreve *O fogo do campo* quando Luizinha e Leonardo saem juntos à rua, pela primeira vez, em companhia de D. Maria e das crias da casa, segundo o costume do tempo. O fogo de artifício

comoça e começam também os primeiros sinais do namôro. Luizinha, entusiasmada, "sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sôbre os seus ombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, falava-lhe e comunicava-lhe a admiração. O contentamento acabou por familiarizá-la completamente com êle. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos ombros de Leonardo, deu-lhe quase um abraço pelas costas. Leonardo estremeceu por dentro e pediu so céu que a lua fôsse eterna; virando o rosto, viu sôbre seus ombros aquela cabeça de menina iluminada pelo clarão pálido e mixto que ardia, e ficou também por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jamais vira e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se dela e achá-la feia."

Até aqui Manuel Antônio de Almeida, nessa passagem a que chamarei o penteado de Capitú, às avessas... Vejamos agora *O penteado*, o legítimo, o de Machado de Assis:

"... Enfim; acabei as duas tranças...

—Pronto!

—Etará bom?

—Veja no espêlho.

Em vez de ir ao espêlho, que pensais que fez Capitú? Não vos esqueçais que estava sentada, de costas para mim. Capitú derreou a cabeça a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sôbre ela, rosto a rosto, mas trocados os olhos de um na linha da boca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia; más nem esta razão a moveu.

—Levanta, Capitú!

Não quis, não levantou a cabeça e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu descí os meus, e..."

Se Leonardo e Luizinha não estivessem na rua, cercados pela multidão, o remate, naturalmente, seria aquele mesmo beijo, trocado por Bentinho e Capitú...

Chego, às vezes, a conjecturar, que Luizinha, pelo seu ar da família, é a irmã mais velha da Capitú, uma espécie de casulo, talvez mesmo uma larva microscópica e embrionária, de onde irromperia mais tarde aquela vêspera estonteada, de olhos oblíquos e de ressaca, sonsa, fingida e hipócrita, com ares de borboleta...

Não haverá nisso qualquer insinuação de descrédito para a figura incomparável de Machado de Assis. Se é que êle se utilizou dêsse processo, não fez mais do que imitar Shakespeare.

Repentinamente, através da leitura das *Memórias*, a um boleio da frase, diante da maneira sugestiva e sutil de expor um fato, apropositar uma anedota, comentar uma atitude, ou fixar, de relance, o matiz psicológico de uma personagem apanhada de improviso num flagrante de alma, tem-se a impressão nítida de que Manuel de Almeida molhava a pena no mesmo tinteiro que iria servir a Machado de Assis. Atente-se, para exemplo, neste delicioso diálogo, trocado entre D. Maria e o Major Vidigal, diante de Maria Regalada, sua ex-amante:

—É verdade, Sr. Major, o bom tempo já lá foi.

—E Deus pardoe a quem dele tem saudades, retorquiu o Major, rindo-se com um riso rugoso de velha sensualidade...

Êsse riso rugoso de velha sensualidade, só por si, os definiria, aproximando-os, a êles, a quem o destino colocaria um em face do outro, momentaneamente, a êles, ainda, a quem os próprios nomes, abreviadas as siglas M. de A., proporcionariam a fraternidade na mesma estante histórica das letras nacionais...

Pôsto que recebidas com certo aplauso, as *Memórias* deviam ter produzido algum escândalo entre os pacatos leitores da Côrte, habituados a leituras pacíficas, ordeiras, em cujos estrechos as paixões contrariadas constituíam os lances mais quentes e vivos da literatura romântica. Ao contrário disso, Manuel de Almeida preferiu o romance de costumes, inaugurando a crítica social. As tintas de que se utilizou foram, em alguns lances, muito cruas e violentas, para a época, e tão fortes e indeléveis que o tempo não lhes esmoreceu a fatura, nem o colorido primitivo. A mão de obra foi excelente, por duradoura, ainda que passível das exigências críticas, em suma, pecadilho de que nenhum outro se salvou, para poder atirar nos demais, biblicamente, aquela pedra de que nos falam as Escrituras...

Livro temporão, no feliz qualificativo com o que o definiu Xavier Marques, o seu autor desafiou com êle, não direi as iras, mas a incompreensão dos seus contemporâneos e, de certo modo, a crítica do seu tempo, que de um e de outro, ambos se vingaram pelo esquecimento.

As idéias arrojadas, esgrimidas contra os ridículos sociais e tem-bem contra as hipocrisias acobertadas pelos falsos servidores da reli-

gião católica, êstes últimos, em particular, teriam feito incluir o realista de então, possivelmente, no número dos inimigos da igreja. Muita gente o supôs, com certeza, um pedreiro livre, como se dizia, ou um livre pensador. E essa hipótese não é apenas uma conjetura gratuita, porque, ao referir-se a Junqueira Freire, isto é, “o distinto poeta que a falta de espaço matou nos rigores da monótona disciplina de um convento”, como dele disse Bethencourt da Silva, Manuel de Almeida: “olhando para idênticos martírios que bem mostram a falta de motivo para a continuação dos claustros, uma vez que se pode ser livre ao ar livre”, rematou o seu juízo crítico por esta explosão de consciência: “Servir à humanidade é a grande adoração à Providência!”

Esta frase é uma profissão de fé, senão de impiedade, ao menos bastante clara, insofismável, de revolta contra a vida em clausura.

Criador, entre nós, de um novo processo literário, Manuel de Almeida se fez, por intuição própria, o precursor de Machado de Assis, e no romance de costumes, de feição naturalista, possibilitou a eclosão, em nossas letras, de um Aluizio Azevedo, de um Raul Pompéia e de um Lima Barreto, para citar apenas as expressões de maior notoriedade.

Antes dêsses conviria uma pequena referência a um livro bastante curioso, e que no gênero constitue uma indisfarçável paródia realizada intencionalmente contra os processos postos em prática por Manuel de Almeida. Refiro-me à *Família Agulha* de Luiz Guimarães Júnior. O excelente poeta dos *Corimbos*, de 1869, e da *Lírica*, de 1880, publicou o seu “romance humorístico” em 1870, precisamente nove anos decorridos da morte de Manuel de Almeida e cêrca de dezesseis após o aparecimento das *Memórias de um sargento de milícias*.

Luiz Guimarães Júnior tinha então vinte e cinco anos, pois nasceu em 1845, quando experimentou a pena, nessa caricatura.

Quem se der à pachorra de confrontar os dois livros, verificará, sem esforço, como o segundo é a cópia deformadora, indisfarçável, do primeiro. Do princípio ao fim a *Família Agulha* se denuncia mas intenções, e em muitos dos seus capítulos os próprios nomes dos heróis e até as atitudes das personagens, recordam a deliciosa naturalidade e a espontânea originalidade do precursor das *Memórias*.

Luiz Guimarães Júnior teve apenas o trabalho de fazer uma transposição de imagens, forçando atitudes que atingem o fantástico

e o inverossímil, desvirtuando aquilo que nas *Memórias* constitue a parte inimitável, pela autenticidade que lhe confere a sagacidade de um observador inato.

Manuel de Almeida tomou para ponto de partida o material vincado pela realidade, ao passo que Luiz Guimarães partiu do livro já feito e carimbado pelo cunho de um romancista de raça, para extrair dessas páginas uma história mais ou menos alegre, lastreada de fantasmagorias e situações que roçam pela patacoada e até pelo absurdo.

Com Machado de Assis, porém, os seus pontos de semelhança são de tal modo evidentes, que dispensariam cotejo.

Faltou a Manuel de Almeida um pouco mais de tempo, de vida e amadurecimento artístico. A amostra que nos deu, entretanto, antes mesmo de atingir a plenitude que dele se devia esperar, é das que definem uma vocação e ilustram um nome. Coube, pois, ao imortal fluminense, a glória indiscutível de haver escrito, em 1854, a página inicial do romance naturalista do Brasil. E isso lhe confere o galardão de precursor, cuja fama a história regista, pleiteando para a sua memória a auréola da imortalidade.

PHOCION SERPA,
Rio de Janeiro